



## **SUJEITOS DA JUVENTUDE, MÍDIA E ESCOLA**

TERUYA, Teresa Kazuko \*  
FELIPE, Delton Aparecido \*\*  
TAKARA, Samilo \*\*\*

**Resumo:** Trata das relações possíveis entre os sujeitos da juventude, o espaço escolar e as mídias. Utiliza o eixo explicativo dos Estudos Culturais com aproximações das teorizações de Foucault para analisar a seguinte questão: Quais as contribuições da mídia para pensar a cultura juvenil no espaço escolar? Para tanto, problematiza as relações de saber e poder que envolvem a cultura juvenil no espaço escolar, a partir do conceito de juventude construído historicamente e socialmente e questiona a idéia do jovem como rebelde que se cristalizou no meio social. Defende que incluir as mídias como oportunidade para a produção, análise e negociação com os conteúdos e discursos dos territórios escolares abre possibilidades para que os jovens percebam as proximidades e afastamentos entre suas culturas, suas identidades e as relações com a instituição escolar. Por fim, propõe uma redefinição da relação entre os sujeitos da juventude e o espaço escolar.

**Palavras- Chave:** Espaço escolar. Sujeitos da juventude. Mídias

### **1 INTRODUÇÃO**

Os estudos sobre os sujeitos da juventude e sua cultura tornam-se desafiadores no sentido de compreender suas articulações no espaço escolar. Um desses desafios é a indefinição de quem é esse sujeito da juventude? Para Dayrell (2003) o conceito de juventude é histórico e socialmente construído, ou seja, a juventude é uma fase da vida marcada por instabilidade e geralmente associada a problemas sociais.

A juventude da década de 1960 e 1970 foi definida como protagonista de uma grande crise de valores e de um conflito de gerações. Em termos ideológicos, as mudanças dos sujeitos da juventude representou mais do que o protesto de uma geração “pós-guerra” para a qual a vida

---

\* Professora Doutora e docente do Programa e Pós Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá-Pr

\*\* Historiador, Mestre em Educação e Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Maringá- Pr

\*\*\* Professor de Comunicação Social, Mestrando em educação pela Universidade Estadual de Maringá –Pr



parecia estar desprovida de sentidos lógicos e que se rebelava contra os pais ou os padrões sociais vigentes, atacando-os por meio das roupas e do comportamento que já delineava a revolução sexual nessa época, depois da mini-saia e da pílula anticoncepcional. Nesse artigo trataremos das relações possíveis entre os sujeitos da juventude, a escola e as mídias.

## **2 QUEM SÃO OS SUJEITOS DA JUVENTUDE?**

Os trabalhos e pesquisas desenvolvidos sobre juventude ao longo do século XX revelam questões emergentes na sociedade; mas, ao mesmo tempo, participam da construção de conhecimentos e conceitos específicos sobre cultura juvenil\*. Muitas análises sobre os sujeitos da juventude ainda guardam as marcas, os vestígios das pesquisas que relacionam o jovem com a rebeldia e violência ou passam a caracterizá-lo pelo um acentuado traço individualista, pela apatia política e pelo desinteresse nas relações sociais. Essas perspectivas, em certa medida, direcionam o nosso olhar sobre os jovens que ocupam o espaço escolar. (SPOSITO, 1997)

No Brasil, a preocupação em entender a cultura juvenil e seus sujeitos se evidenciou a partir da segunda metade do século XX. Goulart e Santos (2011) referem-se a uma pesquisa encomendada por uma agência de publicidade chamada McCann-Erickson, para conhecer o perfil da juventude brasileira. Estabeleceu como definição que o jovem é aquela pessoa pertencente à faixa etária entre 15 e 24 anos. Os resultados dessa pesquisa publicados na Revista Veja, em 1984, foi celebrada como um dos maiores estudos sobre os sujeitos da juventude brasileira. Os autores afirmam que essa pesquisa revelou um resultado muito diferente da ideia formada sobre a cultura juvenil e o perfil dos jovens do país, apontando que a maioria não eram tão rebeldes como se imaginavam, ao contrário, eles eram mais conservadores do que se imaginava. Essa pesquisa divulgada pela Revista Veja, n. 818, de 1984, mostra que a juventude, em sua maioria,

[...] condena a infidelidade conjugal. Condena o homossexualismo. Tem dúvidas sobre se o aborto deve ou não ser liberado. E, quanto à educação que

---

\* A cultura juvenil é definida como um “conjunto de conhecimentos, representações, hábitos, comportamentos, expectativas, significados, compartilhados pelos jovens, que caracterizam e orientam suas relações com outros grupos sociais”. (LIBÂNEO, 2006, p. 33).



vem recebendo, embora ache que às vezes os pais se metem demais na vida dos filhos, afirma que não tem outro modelo a oferecer; dará a seus próprios filhos exatamente a mesma educação que vem conhecendo em casa (VEJA, 1984, p. 52).

Esses dados demonstram que os jovens brasileiros se organizam de diferentes formas, muitas vezes reafirmando os valores estabelecidos e outras vezes não a contestando esses mesmo valores. Goulart e Santos (2011) relatam que com base nos critérios utilizados pela agência de publicidade, cinco perfis de jovens foram analisados na pesquisa: o jovem integrado, o jovem contestador, o jovem conservador, o jovem moderno e o jovem independente. Essa pesquisa, apesar das implicações políticas daquele momento histórico, tem um papel importante na medida em que demonstra que a cultura juvenil não é homogênea, ao contrário, encontramos jovens de diferentes perfis, questionando o imaginário social que cristalizou a idéia do jovem como rebelde, organizando assim, arranjos plurais sobre os sujeitos da juventude e seus saberes

A precisão desse saber, segundo os pesquisadores (VEJA, 1984), é o que diferencia essa pesquisa das demais, demonstrando que os perfis analisados encontram correspondência efetiva na realidade. Em relação aos perfis de jovens apresentados, um deles nos chama a atenção, visto representar os jovens “[...] portadores daquela rebeldia a que se acostumou associar a juventude” (VEJA, 1984, p. 53), o “jovem contestador”, que em relação ao total dos jovens pesquisados, correspondia a 5%. Para se ter uma idéia, o perfil “jovem conservador”, correspondia a 23% do total da amostra da pesquisa, demonstrando que relacionar rebeldia a cultura juvenil representava um desconhecimento acerca da juventude.

Um dos perfis analisados sobre os sujeitos da juventude é relatado pela Revista Veja (1984) como o “jovem integrado”. Trata-se do jovem trabalhador, que é pobre e busca melhorar a sua condição social e econômica. Assim como o “jovem conservador”, o “jovem integrado” é completamente adaptado ao sistema, porém, ele “[...] é competitivo e individualista, sua grande aspiração é subir na vida” (VEJA, 1984, p. 52). Se, por um lado, o “jovem conservador” é aquele que está em sintonia com a moralidade e educação que recebeu dos seus pais, sendo, também, tímido e retraído; por outro lado, o “jovem integrado” é empreendedor e deseja construir uma



vida melhor, ter autonomia financeira para não depender de ninguém, pensando somente em si mesmo, como afirma a pesquisa.

Desse modo, tanto o “jovem conservador”, quanto o “jovem integrado”, representa uma parcela significativa da amostra da população jovem pesquisada, que, somados aos três outros perfis, permite nos afirmar que a cultura juvenil é composta por inúmeras experiências e vivências, levando nos a perceber que os saberes sobre os sujeitos da juventude devem ser analisados em perspectiva múltipla, não restringindo a cultura juvenil a um só perfil.

A cultura dos sujeitos da juventude é heterogênea nos discursos e nas vivências com diferentes saberes. São linguagens e comportamentos que se alteram nas relações entre os diferentes indivíduos que transitam pelo espaço escolar. Essas culturas juvenis oportunizam aos pedagogos e pesquisadores da educação a questionar as relações entre os jovens e as mídias e quais suas relações com o espaço escolar (LIBÂNEO, 2006). O autor ressalta que as intensas transformações – sociais, políticas, econômicas, sociais, geográficas, culturais – desafiam os educadores nas suas relações com as culturas juvenis cada vez mais midiáticas e diversificadas que invadem o espaço escolar.

Para Carrano (2005), os profissionais da educação precisam compreender as modificações das relações sociais, percebendo como as práticas – tanto pedagógicas quanto juvenis – estão inseridas nesses contextos. Desse modo, não podemos elencar uma cultura juvenil única, mas perceber as diferentes vivências e experiências que perpassam os sujeitos da juventude e suas relações com os saberes e os poderes que estão inseridos nas escolas em tempos de globalização.

O autor discute os jovens no espaço escolar e aborda as diferentes visibilidades dos grupos que transitam pelo espaço escolar. O autor analisa as visões dos profissionais da educação que interpretam os sujeitos da juventude como individualistas, hedonistas, irresponsáveis e desinteressados pelo conteúdo escolar. Já os jovens percebem o espaço escolar como um “cotidiano enfadonho” e a formação escolar é uma obrigação necessária para produzir e reproduzir modos de viver nessa sociedade. Desse modo, “[...] assistimos a uma crise da escola na sua relação com a juventude, com professores e jovens se perguntando a que ela se propõe” (DAYRELL, 2005, p. 106).



Com base nos diferentes cruzamentos de discursos entre os/as professores/as e os sujeitos da juventude que adentram o espaço escolar percebemos as relações estabelecidas no espaço escolar. Libâneo (1998) afirma que o entendimento das relações no espaço escolar pode redefinir as práticas pedagógicas constitutivas da ação docente, ou seja, respeitar e valorizar os modos de ser, pensar e agir no mundo dos diferentes grupos que compõem essa cultura, organizando diferentes discursos para as diferentes realidades sociais que habitam o espaço escolar.

Dessa forma, a escola é um espaço que pode ser compreendido como um espaço para os diferentes discursos que se interagem e se relacionam. É um espaço com potencial para produzir outras possibilidades de práticas e desenvolvimentos das subjetividades dos indivíduos. Com base nos discursos, essas culturas encontram possibilidades de criar diferentes práticas cotidianas e diferentes condutas nos contextos que relacionam as culturas e seus discursos, reverberados e regularizados no espaço escolar (LIBÂNEO, 2006).

Os sujeitos da juventude que se relacionam no espaço escolar, segundo Libâneo (2006), são indivíduos que têm interesses específicos, mas compartilham os discursos perpassados pelas mídias e que possuem relações de pertencimentos a diferentes grupos culturais, sociais, políticos.

### **3 OS SUJEITOS DA JUVENTUDE NOS DISCURSOS DAS MÍDIAS**

Os diferentes modos de narrar a juventude estão presentes na mídia, especialmente no cinema e na televisão. No espaço midiático, o ato de narrar está profundamente entrelaçado com as formas que dão sentido àquilo que é narrado. Como as imagens midiáticas contribuem para as significações dos sujeitos da juventude no espaço escolar? Para Costa (2002, p.80), “[...] nada nos autoriza a afirmar que as mídia *impõem* significados ou interpretações aos seus espectadores”, mas talvez possamos dizer que eles colaboram com esta significação, participam dela. De que modo as mídias desafiam o nosso pensamento? A autora sugere combater o clichê e perceber a experiência daquilo que aparece na imagem [...], pois a mobilização de protocolos de leitura já automatizados definem *a priori* ‘do que se trata’ quando olhamos a imagem. (COSTA, 2003, p. 17).



Nesse sentido, discutimos o modo como as estruturas midiáticas utilizadas no espaço escolar oferecem um conceito de cultura juvenil, na medida em que pluraliza as diversas formas de organização dos sujeitos da juventude. Nosso objetivo não se alicerça sobre a idéia de que a mídia cria ou inventa outra noção de juventude, mas em alguma medida e em alguns materiais lançam outros olhares sobre o conceito – para além de repetir e reiterar enunciações que circulam na cultura e limitam os nossos modos de ver e dizer o que é ser jovem.

Carrano (2005) chama a atenção dos pesquisadores de mídia na educação para nos atentarmos que a chamada “juventude” é uma categoria sociológica desenvolvida pelos adultos e isso dificulta uma definição. Entretanto, ao pensarmos em juventudes enquanto modos de ser, pensar e agir no mundo percebemos as oportunidades de vivenciar essas juventudes, seus gostos, suas atitudes e seus comportamentos. É com base no respeito às subjetividades dos indivíduos que o espaço escolar possibilita aos jovens conhecerem os diferentes gostos musicais, encaminhamentos religiosos, sexuais, políticos e culturais.

As gírias, os conceitos e as ideias presentes nas culturas juvenis são perpassadas nos produtos midiáticos e têm influência em seu desenvolvimento. Libâneo (2006) reforça alguns pontos que caracterizam o funcionamento e a repercussão da mídia: a homogeneização cultural que influenciam os gostos das pessoas nas alimentações, na moda, nos desejos de consumo, no lazer e nas formas de viver; na indução ao consumo; na fragmentação da realidade, dos conhecimentos e das relações; e o empobrecimento da capacidade de compreensão.

O autor, entretanto, ressalta a virtualidade como um grande benefício da mídia na educação. A visibilidade de conceitos abstratos por meio de metáforas midiáticas, por exemplo, o esboço computadorizado de um projeto, de um modelo matemático ou até as demonstrações de fenômenos. Desse modo, os recursos midiáticos podem ser utilizados para desenvolver imagens com grande potencial pedagógico no processo de ensino e aprendizagem escolar.

Dayrell (2007) ressalta que os jovens tem suas vivências e experiências representadas nos produtos midiáticos como as músicas, as danças, os vídeos, as propagandas e as revistas que caracterizam suas formas de expressão. As práticas culturais não são homogêneas e se orientam conforme as coletividades juvenis e são capazes de processar as múltiplas influências externas e



internas com interesses e negociações. O autor chama atenção para a “condição juvenil” como uma maneira de ser na vida e na sociedade.

Os sujeitos da juventude, portanto, possuem características positivas e negativas que são elencadas nesse espaço de discursos e estão relacionadas à formação de crianças, adolescentes e jovens. Utilizar a mídia no espaço escolar, como mediadora para produção de conhecimento ou como suporte para apresentação de eventos sociais, políticos, culturais, físicos e mentais são duas das muitas possibilidades para se articular os usos da mídia e seus produtos para o processo de ensino e aprendizagem.

O que sabemos e pensamos hoje em dia sobre os sujeitos da juventude está imerso em uma rede de saberes previstos e são previsíveis. Buscamos nas mídias, enquanto um artefato cultural, um outro campo de saberes que nos permite ver a cultura juvenil inserida em outras modalidades narrativas, para além da representação da rebeldia. Isto é, não nos interessa descrever a forma como a mídia estaria comprometida com a manutenção dos sentidos sobre juventude, mas sim perceber que diversos produtos midiáticos trazem em seu enredo outras maneiras de ser e fazer-se sujeito jovem.

Nas imagens midiáticas existem enredos midiáticos e diálogos midiáticos que contemplam os diferentes sujeitos da juventude que passam por situações diversificadas de possibilidades para que o indivíduo possa se transformar com as “práticas de si” trazidas por Foucault. Essa transformação adquire um sentido de *formação*, porém vista como “uma operação que se dá para além do institucional escola, igreja e família, embora tais espaços não sejam jamais ignorados; para além de um sistema de autoridade, normativo ou disciplinar.” (Fischer, 2008, p. 52)

#### **4 JUVENTUDE NA MÍDIA E AS POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS**

A escola é um espaço de mediação de discursos, onde os significados e as práticas culturais da sociedade se articulam ou se conflitam nos processos de interações entre as diferentes subjetividades para a formação das relações sociais, políticas, culturais e discursivas entre os



indivíduos. É no espaço escolar que ocorre o “intercruzamento de culturas, a cultura científica a cultura escolar, a cultura social, a cultura dos alunos, a cultura das mídias. Importa, assim, saber como a cultura jovem aparece no conjunto de outras manifestações culturais na escola” (LIBÂNEO, 2006, p. 34-35).

Carrano (2005) defende que o espaço e o tempo vivenciados no espaço escolar estão repletos de encontros entre os sujeitos culturais que garantem a existência deste território. O autor chama os educadores, em sua função social, política e cultural para pensar e refletir sobre a sua prática, suas ações e tarefas para levar em conta as culturas e os espaços para a reflexão e diálogo entre as diferenças. A nossa tarefa é oportunizar as relações entre discursos, dos sujeitos e os discursos escolares e midiáticos como parte fundamental em nossa ação.

Com base nessa compreensão do espaço escolar, buscamos problematizar de que forma os discursos, as práticas e vivências dos jovens adentram este espaço. Percebemos que as influências e os efeitos das culturas juvenis nas relações escolares e de que formas essas culturas e os saberes estão integrados no currículo e na metodologia das matérias escolares se relacionam. Libâneo (2006) destaca que o educador encontrará no espaço escolar alunos inseridos nas culturas jovens e com interesses específicos, mas compartilham de usos e recepções das mídias, negociando com elas ou não.

Além do contexto midiático, outros fatores que perpassam a formação deste indivíduo e sua subjetividade são as peculiaridades locais, como a sua origem sociocultural, os espaços físicos, sociais, culturais e discursivos que frequentam. Esses fatores atrelados ao contato dos jovens com as mídias terão um efeito relevante sobre as diferentes possibilidades que o indivíduo possui para compreender as relações entre ele, o/a professor/a e o mundo.

Libâneo (2006) ressalta que o papel do professor é orientar, formular objetivos, fornecer ideias viáveis e que estes profissionais não devem forjar estereótipos recriminadores da juventude e nem “petrificar” as atitudes juvenis, consciente de que há mudanças nas vivências e experiências dos grupos que adentram ou se afastam do espaço escolar.

A educação escolar, para Libâneo (2006, p. 37), pode ser compreendida como “uma oportunidade de compreender o mundo, a realidade e transformá-la”. Desse modo, o autor aponta





objetivos a serem desenvolvidos no espaço da escola como: desenvolver a capacidade de pensar a realidade e intervir nela por meio da cultura, da ciência e da arte; investir no fortalecimento da subjetividade dos alunos e na construção da identidade pessoal; atender à diversidade e à diferença para propiciar uma educação para o outro; formar a cidadania para atender as novas demandas culturais e novas formas de convivência humana (LIBÂNEO, 2006).

A escola como espaço de formação, de contatos e de experiências com os diferentes discursos subjetivos e das culturas que se relacionam socialmente é uma possibilidade de construir a escola enquanto um “espaço de síntese”. (LIBÂNEO, 2006). A escola pode ser um lugar onde os alunos desenvolvem os processos de negociação para decodificar as mensagens emitidas pela mídia. Hall (2003) ressalta que as leituras de mundo possuem uma expressão institucional, por isso, o indivíduo faz parte de uma instituição, de um espaço onde sua subjetividade se relaciona com outras subjetividades e objetividades.

Concordamos que a nossa identidade é híbrida. Hall (2003) explica que as formações históricas específicas, de histórias e repertórios culturais específicos podem contribuir para a constituição de um posicionamento, que Hall chama “provisoriamente” de identidade. Assim, os sujeitos da juventude conhecem o espaço escolar e o midiático, mas não pertencem a nenhum deles. Essa relação permite que os indivíduos percebam as relações dos discursos que perpassam a escola e a mídia.

Libâneo (2006) contribui para pensarmos as juventudes como culturas de uma geração ou grupos sociais que não são absolutamente passivos diante das mídias. São consumidores de discursos, produtos, modelos e artefatos culturais, entretanto, também negociam com as práticas, as narrativas e os produtos ressignificando as mensagens midiáticas.

Sobre essa prática, Dayrell (2007, p. 1120) chama atenção para o “tornar-se aluno”. O espaço escolar, segundo o autor, é invadido “pela vida juvenil, com seus *looks*, pelas grifes, pelo comércio de artigos juvenis, constituindo-se como um espaço também para os amores, as amizades, gostos e distinções de todo tipo”. É necessário que se estabeleça uma relação entre as possibilidades de ser jovem e as possibilidades de ser aluno. Duas identidades que são fixadas pela sociedade, mas que não significam e não são vivenciadas da mesma forma. Os sujeitos das



juventudes precisam de profissionais da educação que oferecem oportunidades para as negociações entre as identidades e os territórios a serem desenvolvidos.

Incluir as mídias como oportunidade para a produção, análise e negociação com os conteúdos e discursos dos territórios escolares dão possibilidades para que os jovens percebam as proximidades e os afastamentos entre suas culturas, suas identidades e as relações com a instituição escolar. Se os/as jovens compreenderem o funcionamento dos discursos midiáticos poderão trabalhar estratégias de compreensão e negociação entre os discursos da mídia e da escola. Assim as pesquisas de mídia na educação, respaldadas no eixo teórico dos Estudos Culturais, são algumas possibilidades de inserir a mídia e sua cultura no espaço escolar.

### **3 CONCLUSÃO**

As relações dos sujeitos da juventude no espaço escolar são complexas e exigem compreensão das culturas juvenis que são múltiplas e composta por inúmeros saberes que se combinam, se rejeitam, se complementam. A mídia ao ser incorporada como um dos artefatos culturais da ação pedagógica, que o jovem se perceba não preso ao um conceito único do que é juventude, mas sim se perceba enquanto sujeito histórico que é entrelaçado em organização de sentidos múltiplos.

Assim novas possibilidades de se fazer sujeitos da juventude, construindo os seus saberes, os modos de vida valorizado na escola como um dos elementos formadores da cultura escolar, significa estabelecer uma relação de pertencimento com o ambiente escolar, questionando, problematizando e tensionando a ação pedagógica.

### **REFERÊNCIAS:**

A VOZ da maioria. **Veja**, nº 818, 9 de maio de 1984. p. 52-60.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Identidades Juvenis e Escola. In: **Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos.** — Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005. p.153-163

COSTA, Marisa Vorraber. Ensinando a dividir o mundo: as perversas lições de um programa de televisão. **Revista Brasileira de Educação.** São Paulo. Autores Associados, n.20, maio/ago.2002, p,71-82.



- COSTA, Marisa Vorraber (Org). **A escola tem futuro?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003
- DAYRELL, Juarez. Juventude, grupos culturais e sociabilidade: comunicação, solidariedade e democracia. **JOVENS, Revista de Estudos sobre Juventud**, México, n.22, ano 9, , 2005. p 306– 323
- DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? – reflexões em torno da socialização juvenil. In: **Educação e Sociedade**, vol. 28, n. 100 – Especial. Campinas, 2007. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em: 16 de agosto de 2011. (1105-1128)
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*. Nº 24, 2003. e profissão docente. São Paulo: Cortez, 1998.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Pequena Miss Sunshine: para além de uma subjetividade exterior. **Pró-posições**. vol.19, n. 02, mai./ago. 2008, p. 47-57
- FISCHER, Rosa. Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar. In: COSTA, M.V. (Org.). **Caminhos Investigativos: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 22. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território, População: curso dado no Collège de France (1977-1978)**. São Paulo: Martin Fontes, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento das prisões**. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GOULART, Marcos V., SANTOS, Nair. O poder do jovem: uma análise sobre o discurso da rebeldia da juventude. **Anais do 4º Seminário Brasileiro/1º Seminário Internacional de Estudos Culturais**. Ulbra – Canoas, RS. 2011.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais
- LIBÂNEO, José Carlos. Cultura jovem, mídias e escola: o que muda no trabalho dos professores? In: **Educativa**, v. 9, n. 1. Goiânia, 2006. p. 25-46.
- SPOSITO, Marília Pontes. Estudos sobre juventude em educação. **Revista Brasileira de Educação**. n. 5 e 6, mai./jun./jul./set./out./nov./dez. 1997, p. 37-52.